



LORRAINE HEATH

OS SEDUTORES DE HAVISHAM . 3

A MARQUESA  
DE *H*AVISHAM

A MARQUESA  
DE *N*AVISHAM

A MARQUESA  
DE *N*AVISHAM

Copyright © 2016 Jan Nowasky

Título original: *The Viscount and the Vixen*

Publicado mediante acordo com a HarperCollins Publishers.

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Flávia Lago*

EDITORA ASSISTENTE *Carol Christo*

PREPARAÇÃO *Andresa Vidal Vilchenski*

REVISÃO

*Anita Silveira*

*Bruna Emanuele Fernandes*

CAPA

*Larissa Carvalho Mazzoni (sobre a imagem de Oleg Gekman/ Shutterstock)*

DIAGRAMAÇÃO

*Larissa Carvalho Mazzoni*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro,  
SP, Brasil**

Heath, Lorraine

A marquesa de Havisham / Lorraine Heath ; tradução A C Reis. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Gutenberg, 2020. (Os sedutores de Havisham ; 3)

Título original: *The Viscount and the Vixen*

Sequência de: O segredo do conde

ISBN 978-65-8655-304-8

1. Romance histórico 2. Romance norte-americano I. Título II. Série.

20-34814 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional . Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 . Cerqueira César 01311-940 .

São Paulo . SP Tel.: (55 11) 3034 4468

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Para Jill Barnett,  
quem, vinte anos atrás, presenteou-me espontaneamente com seu  
apoio ao meu trabalho, cujos incentivo e bondade me ajudaram a  
acreditar que talvez, só talvez, pudesse escrever histórias que as  
leitoras apreciariam. Obrigada.



– Nós mal nos conhecemos. Não sei muito bem o que esperar de você.

– Você vai agradecer por estar na minha cama e por estarmos longe do quarto do meu pai, pois, assim, ele não poderá ouvir seus gritos de prazer.

– Seu maldito arrog...

A boca de Locksley desceu sobre a dela, enquanto ele a puxava para si. O tecido não servia de barreira contra o calor que emanava de seu corpo para o dela, como se o visconde já estivesse começando a possuí-la, como se cada aspecto dele fosse penetrá-la antes que a noite terminasse.

Nos últimos dois anos, ela havia aprendido a separar a mente do corpo, a sabedoria de não se importar, a deixar as emoções de lado, a se manter à parte da realidade do que estava de fato acontecendo.

Mas Locksley derrubava suas barreiras como se ela as tivesse construído com gravetos. Ele não se contentava em apenas tomá-la. Ele queria possuí-la. Portia sentia isso na pulsação do pescoço dele, onde ela tinha colocado os dedos, na vibração de seu peito, enquanto ele grunhia e aprofundava tanto o beijo que Portia sentiu como se ele estivesse tentando extrair a sua alma...



# Capítulo 1

*Mansão Havisham, Devonshire*

*Primavera de 1882*

Mathieu St. John, Visconde Locksley, passou pela sentinela silenciosa que estava parada à entrada sem prestar muita atenção no relógio de carvalho. Ele tinha 6 anos quando aprendeu que os ponteiros deveriam se mover, que o objetivo do relógio era marcar a passagem do tempo. Mas, desde a morte da mãe de Locke, o tempo tinha parado de forma abrupta – ao menos para o pai dele.

Quando uma criança não possui outra fonte de conhecimento, ela aceita aquilo que vivencia como a verdade absoluta das coisas. Locksley acreditava que os criados de qualquer casa limpavam apenas os aposentos que eram usados. Na Mansão Havisham, a criadagem arrumava o quarto em que ele dormia, a pequena sala de jantar onde fazia suas refeições, a suíte de seu pai e a biblioteca onde ele às vezes trabalhava, sentado à escrivaninha. Os aposentos restantes eram mistérios escondidos atrás de portas trancadas.

Ou melhor, ficaram assim até que o Duque de Ashebury e o Conde de Greyling, acompanhados de suas esposas, foram mortos em um acidente ferroviário pavoroso, em 1858. Pouco depois da tragédia, seus filhos pequenos foram levados à Mansão Havisham para ficar sob a guarda do pai de Locksley. A chegada deles também trouxe toda sorte de conhecimentos, como a confirmação de que seu pai era um louco delirante.

Locke, então, entrou na pequena sala de jantar e parou, de repente, ao avistar seu pai sentado à cabeceira da mesa, lendo o

jornal que o mordomo, diligente, passava a ferro todas as manhãs. Normalmente, o pai fazia as refeições em seus aposentos. Mais espantoso ainda era que o cabelo branco, sempre desgrenhado, tinha sido aparado e escovado; o rosto estava barbeado, e as roupas, passadas. Locke não conseguiu se lembrar de outra ocasião em que seu pai tivesse tomado tanto cuidado com a aparência. Nas raras vezes em que ele saía de seu santuário, parecia mais um espantalho descarnado.

Com a chegada de Locke, o mordomo serviu café em uma xícara delicada de porcelana antes de sair para lhe buscar um prato. Como ele costumava comer sozinho naquela sala, em geral faziam refeições pequenas e simples. Não havia um bufê com pratos variados para escolher. Apenas um prato vindo da cozinha com o que quer que a cozinheira tenha preparado.

O pai ainda não tinha notado Locke, mas o senhor da casa tendia a passar boa parte do dia e da noite absorto em seu mundo particular, onde abundavam as lembranças de tempos mais felizes.

– Ora, esta é uma boa surpresa – Locke disse ao se sentar, tentando esquecer por um momento de suas preocupações com as finanças decadentes da propriedade. Sua inquietação fez com que levantasse antes do amanhecer e o manteve na biblioteca por mais de duas horas, à procura de uma resposta que continuava a não aparecer. Locke decidiu, então, que precisava se alimentar para pensar melhor. – O que provocou essa mudança na sua rotina?

O pai virou a folha impressa, ajeitou o jornal na mesa e o alisou com uma passada do antebraço.

– Achei que era melhor me aprontar antes da chegada de minha noiva.

Com a xícara a meio caminho da boca, Locke semicerrou os olhos. A memória de seu pai vinha se tornando cada vez mais nebulosa, mas com certeza ele não estava sentado ali esperando a chegada da mãe de Locke; certamente o pai não acreditava que esse era o dia de seu casamento. Abrindo os olhos e voltando a xícara ao pires, Locke observou aquele camarada excêntrico que ele amava, apesar de todas as suas esquisitices. Seu pai parecia um lorde qualquer começando seu dia. Contudo, ao contrário de

qualquer outro lorde, ele acreditava que sua falecida esposa assombrava o pântano.

O mordomo voltou e colocou diante de Locke um prato com uma pilha de ovos, presunto, tomates e torradas. Antes que o homem voltasse a seu posto junto à parede, Locke o interpelou.

– Gilbert, você ajudou meu pai a se vestir esta manhã?

– Sim, milorde. Como ele não tem camareiro, senti-me honrado por poder cuidar dessa tarefa. – Gilbert se curvou e cochichou: – Ele também insistiu em tomar banho, milorde, e nem é sábado. – Gilbert arqueou as espessas sobranceiras brancas, como se aquela fosse mesmo uma grande novidade, então endireitou as costas, parecendo bastante orgulhoso do fato de ter ajudado o marquês a se banhar no meio da semana.

– Você sabe por que ele se deu a tanto trabalho?

– Sim, milorde. Ele vai se casar esta tarde. A Sra. Dorset está preparando o banquete de casamento, e a Sra. Barnaby está limpando a sala da frente desde cedo, pois é lá que os votos serão trocados. É um dia esplêndido, de fato, pois teremos, mais uma vez, uma lady residindo em Havisham.

Só que não havia lady nenhuma, exceto na mente distorcida e enlouquecida de seu pai.

– Essa lady tem um nome?

– Estou certo de que sim, milorde. A maioria delas tem.

Há muito tempo Locke tinha aprendido que era necessário ter paciência com os poucos membros da criadagem que foram restando ao longo dos anos. As vagas que surgiam nunca eram preenchidas, e conforme ocorriam mortes ou aposentadorias, os empregados eram promovidos. De qualquer modo, talvez estivesse na hora de se pensar em contratar um mordomo mais jovem, embora fosse difícil imaginar a Mansão Havisham sem Gilbert no comando. Ele era submordomo antes de assumir a posição, o que aconteceu quando o mordomo anterior faleceu dormindo, quase vinte anos antes. Além do mais, era provável que existissem poucos profissionais mais bem preparados para trabalhar – e aceitar– as esquisitices que aconteciam entre aquelas paredes.

– E você saberia me dizer qual é esse nome? – Locke perguntou.  
*Madeline Connor, talvez? Minha mãe?*

– Se deseja saber da minha noiva – o pai retrucou, dobrando o jornal e batendo-o na mesa –, por que não me pergunta? Estou sentado bem aqui.

Porque Locke não queria enfrentar a tristeza que tomaria seu pai quando ele se desse conta da verdade: sua noiva estava morta há trinta anos. Ela pereceu na noite em que lutou bravamente para trazer ao mundo seu único filho.

– Quando ela vai chegar? – Locke perguntou, complacente, vendo, pelo canto do olho, Gilbert se retirar para seu lugar.

– Por volta das 14 horas. O casamento acontecerá às 16. – Ele levantou a mão e meneou os dedos deformados. – Eu quis conceder a ela algum tempo para me conhecer.

Que estranho. Os pais de Locke tinham se conhecido na infância e gostaram um do outro desde o primeiro momento, segundo seu pai.

– Então você não a conhece? – ele perguntou, arqueando uma das sobancelhas.

– Nós nos correspondemos. – O velho levantou o ombro descarnado.

Locke percebeu que podia existir algo mais preocupante do que seu pai acreditar que estava vivendo trinta anos no passado, na véspera do casamento com a mãe de seu filho.

– Por favor, diga qual é o nome dela.

– Sra. Portia Gadstone.

Locke não conseguiu deixar de arregalar os olhos para o pai. Aquilo estava se tornando pior, muito pior do que tinha imaginado.

– Uma viúva, imagino.

– Não, Locke, estou tomando como esposa uma mulher que já tem marido. Use a cabeça, garoto. É claro que se trata de uma viúva. Não tenho tempo para garotas assustadiças que demandam paciência e treinamento. Quero uma mulher que saiba o que fazer com o corpo de um homem.

Locke não conseguia acreditar que estava tendo aquela conversa ridícula com o pai.

– Se o que você está procurando é prazer sexual, posso lhe trazer uma mulher da vila. Por que se dar ao trabalho de se casar?

– Eu preciso de um herdeiro.

Embora ficar boquiaberto fosse indecoroso para um lorde, ainda assim, Locke ficou.

– Eu sou seu herdeiro.

– Mas não tem planos de se casar.

– Eu nunca afirmei que não me casaria. – Na verdade, ele estava decidido a nunca amar. Sabendo que seu pai tinha se afundado na loucura após perder o amor de sua vida, Locke não desejava dar seu coração a nenhuma mulher e correr o risco de ir pelo mesmo caminho.

– Então, onde está essa mulher com a qual vai se casar? – o pai perguntou, olhando ao redor como se esperasse que uma noiva se materializasse na sala a qualquer momento. – Faz dois meses que você completou 30 anos. Eu me casei aos 26, fui pai aos 30. Mas você só quer saber de se divertir.

Nem tanto quanto antes, e se ele levasse suas responsabilidades mais a sério, era provável que também enlouquecesse.

– Eu vou me casar. Um dia.

– Não posso me arriscar. Necessito de outro herdeiro. De jeito nenhum vou deixar que o ganancioso primo Robbie e seu filho bêbado herdem tudo. Garanto que não vou permitir que meu título desça por esse ramo da nossa família. Nem a Mansão Havisham. Você será o primeiro herdeiro, claro, mas quando bater as botas, seu irmão, que será pelo menos trinta anos mais novo – dependendo da fertilidade dessa garota que vem aí –, estará pronto para assumir. Espero que ele não tenha a mesma aversão ao casamento, e que arrume logo o próximo herdeiro.

O pai estava com a respiração pesada, como se tivesse corrido ao redor da sala enquanto proferia sua diatribe. Locke se pôs de pé.

– Pai, você está doente?

O velho abanou a mão.

– Estou cansado, Locke, apenas cansado, mas preciso garantir meu legado. Eu deveria ter me casado antes, garantido um sobressalente. Mas estive tomado pelo luto. – Ele afundou na

cadeira como se pouca força lhe restasse. – Sua mãe, que Deus a tenha, deveria ter ido para seu merecido descanso em vez de ficar por aqui à minha espera.

Declarações desse tipo sempre deixavam Locke arrasado, e tornavam o trato com o pai ainda mais difícil. A mãe não vagava pelo pântano à espera do marido. Era seu pai quem se recusava a deixá-la ir.

– Eu vou me casar, pai. Vou lhe fornecer um herdeiro. Não vou permitir que seus títulos e propriedades passem para o primo Robbie. Só tenho que encontrar a mulher certa. – Uma mulher grosseira que ele nunca, jamais conseguisse amar.

– A Sra. Portia Gadstone pode ser essa mulher, Locke. Veja, se você gostar dela quando a conhecer, serei um cavalheiro e sairei de cena, dando-lhe minha bênção para que você se case com ela esta tarde mesmo.

Como se Locke estivesse disposto a isso. Infelizmente para a Sra. Gadstone, ele pretende colocá-la para fora assim que ela chegar.



O Marquês de Marsden precisa de uma mulher forte, saudável e fértil para lhe fornecer um herdeiro. Envie sua candidatura aos cuidados desta publicação.

Com a carruagem sacolejando pela estrada acidentada, Portia Gadstone dobrou o anúncio que tinha recortado de um jornal e o guardou de volta em sua bolsa. Voltando sua atenção para a paisagem desolada, refletiu que a paisagem não era tão desolada quanto sua própria vida. Aceitar se casar sem escrúpulos nem remorsos com um homem que toda Londres sabia ter perdido a sanidade resumia sua situação.

Sua vida estava em ruínas, ela não possuía um centavo e não tinha a quem recorrer.

Mas o casamento com o marquês servia maravilhosamente aos seus planos. Havisham era uma grande propriedade em Devonshire, nos arredores de Dartmoor. Isolada. Ninguém aparecia para visitar. O marquês nunca saía. Era improvável que pensassem em procurar por ela ali. Mas se alguém a procurasse, ela seria uma

marquesa, uma mulher poderosa – disposta a empregar esse poder, se necessário, para proteger a si mesma e a tudo que amava.

O marquês tinha lhe enviado dinheiro para a viagem, mas, temendo que descobrissem sua fuga, ela não viajou de trem nem de carruagem particular, optando por um lugar na carruagem postal. O cocheiro, um sujeito alto e corpulento, era bastante gentil, não a incomodou e, com sorte, se esqueceria de tê-la visto assim que a deixasse em seu destino.

Ela enfiou a mão na bolsa e pegou uma bala de hortelã, colocando-a na boca. Portia estava viajando há tempo demais, sentia-se cansada e faminta, mas reclamar não a livraria daquela situação. Era sempre melhor continuar com a tarefa, não importando quão desagradável pudesse ser, e esse dia estaria repleto de eventos desagradáveis. Mas ela aguentaria firme e garantiria que o marquês nunca se arrependesse de tomá-la como esposa.

Depois que fizeram a curva, ela viu a edificação monstruosa – preta como a alma de Satã, com torres, torreões e cúspides lançando-se em direção ao céu – pairando sobre ela, ficando maior a cada batida dos cascos dos cavalos no chão. Não podia ser outra que não a Mansão Havisham. Um arrepio percorreu sua coluna. Se ela tivesse qualquer outra opção... Mas não tinha.

Casando-se com o marquês, ela entraria para o círculo da aristocracia. Marquesa de Marsden. Seria respeitada apenas por sua posição ao lado dele. E o filho que ela desse para ele estaria em segurança, sob a proteção do marquês.

Ninguém ousaria fazer mal à criança. Ninguém ousaria fazer mal a Portia.

Nunca mais.



Parado diante de uma janela no andar superior, observando a entrada da propriedade, Locke gargalhou da cena lá embaixo. Ela tinha chegado em uma carruagem postal. Uma carruagem postal, pelo amor de Deus. Será que aquela farsa poderia ficar ainda mais ridícula?

Ele não conseguiu ter uma visão precisa dela. A mulher parecia bem pequena, delicada, com curvas. Ela vestia preto. Não era bom agouro para o sucesso de um casamento. Um chapéu preto ridiculamente grande cobria sua cabeça, e, sobre seu rosto, havia um véu. Ele imaginou que ela pudesse ter cabelo castanho-escuro. Difícil de dizer.

O cocheiro corpulento lutou para tirar um baú grande do teto da carruagem e colocá-lo aos pés da mulher. O homem tocou o chapéu, voltou ao seu assento e foi embora. Ninguém se demorava em Havisham.

Ela deu meia-volta e começou a marchar, determinada, na direção da residência. Locke correu escada abaixo. Ele tinha que pôr um fim naquela loucura o quanto antes.

Batidas ecoaram pelo saguão quando ele lá chegou. Ela estava mesmo decidida a usar a aldrava. Locke escancarou a porta. Ela tinha levantado o véu e ele se pegou encarando olhos do tom mais incomum que já tinha visto. A cor lembrava uísque; tentadora, inebriante e ameaçando levar um homem à ruína.

– Estou aqui para me casar com Sua Excelência – ela disse, numa voz rouca que provocou a atenção de tudo que se situava abaixo da cintura de Locke. Diabos! Em vez de ir até à vila para arrumar uma moça para seu pai, ele deveria arrumar uma para si mesmo. Era óbvio que estava há tempo demais sem uma companheira, já que aquela voz rouca foi suficiente para lhe provocar uma ereção. – Pegue meu baú.

Ele endireitou o corpo, o que o deixou muito mais alto do que ela.

– Acredita que eu seja o criado?

Ela o examinou lentamente, da cabeça aos pés, de um modo que fez a pele dele se eriçar, como se ela passasse os dedos por onde seus olhos deslizavam. Depois de completar a análise, ela levantou seu narizinho empinado.

– Mordomo, criado... isso não me importa. O baú precisa ir para dentro. Traga-o.

– Você também acredita que Lorde Marsden, depois de vê-la, ainda assim vai querer se casar?

– Tenho um contrato com ele. Ou nos casamos ou ele me pagará uma bela multa.

Era possível que seu pai tivesse mencionado esse detalhe. Era óbvio que Locke tinha subestimado os problemas que o pai podia provocar a partir de seus aposentos. Locke pensava que o velho fazia pouco mais do que olhar saudosos, pela janela, na esperança de conseguir enxergar seu amor flando pelo pântano.

– Minha querida – o pai dele enunciou, aparecendo, de repente, ao lado de Locke, pegando a mão da moça e dando-lhe um beijo, enquanto fazia com que ela passasse por Locke e entrasse no saguão. – É um prazer imenso conhecê-la.

Abaixando-se em uma mesura graciosa e completa, ela sorriu para o pai dele como se o marquês fosse a resposta para todos os desejos infantis que ela já teve.

– Milorde, sinto-me encantada por estar aqui. Mais do que consigo dizer.

Locke apertou os olhos. Por que qualquer pessoa do mundo ficaria encantada de estar naquele lugar que mais parecia o inferno na terra? Ainda assim, havia uma honestidade intrigante na voz dela que ele não podia negar. Seria a noiva uma atriz assim tão boa?

– Locke, pegue o baú, depois venha nos encontrar na sala de estar.

O pai parecia totalmente apaixonado. E isso não era bom, nem um pouco bom, se Locke ainda tinha alguma esperança de desfazer aquele contrato.

– Primeiro vou com vocês à sala de estar. O baú está em perfeita segurança. Ninguém vai levá-lo. E não vou perder nenhuma palavra dessa conversa.

– Você é bastante impertinente para um criado – ela o repreendeu, com atitude o bastante para demonstrar que estava assumindo sua posição de senhora da casa e lembrando-o de seu lugar.

– Eu concordaria, se fosse um criado. Mas, como parece que vou me tornar seu filho antes que o dia acabe, permita-me que eu me apresente: Mathieu St. John, Visconde Locksley, ao seu dispor. – Irônico, ele fez uma reverência exagerada. Ela devia ser tão louca

quanto o pai dele, ou uma mulher com a intenção de se aproveitar da loucura do velho. Locke apostava na segunda opção. Havia uma precisão calculista nos olhos dela. E ele não confiava neles... nem nela.

Ela fez uma nova mesura, completa e elegante, mas para Locke não teve sorriso e nenhuma emoção. A rapidez com que ela envergou sua armadura o fascinou, ainda mais porque ela o avaliou – corretamente – como uma ameaça. Essa mulher não era boba.

– É um prazer, milorde.

Oh, ele duvidava muito que fosse.

– Por aqui, minha querida. Temos pouquíssimo tempo para nos conhecermos antes das núpcias. – O pai de Locke a levou até a sala de estar e a acomodou em uma poltrona perto da lareira. A poeira levantou quando ela se sentou na almofada macia. Isso dizia muito da competência da faxineira.

O pai ocupou a poltrona de frente para ela. Locke se sentou no sofá, escolhendo a ponta mais distante, como se buscasse o melhor ângulo para observá-la. Era uma moça jovem, não podia ter muito mais que 25 anos. As roupas eram bem-feitas e estavam em excelentes condições. Nenhum remendo, nada de farrapos.

Portia Gadstone levantou os braços para alcançar o grampo do chapéu, levantando também os seios empinados. Eles eram do tamanho perfeito para encher as palmas das mãos dele. As mesmas mãos que poderiam cingir a cintura dela, puxando-a para si. Por que diabos ele estava reparando em coisas que em nada ajudariam sua estratégia?

Ela tirou o chapéu e ele prendeu o fôlego. O cabelo era de um vermelho ígneo que rivalizava em brilho com as chamas da lareira. Os fios pareciam pesados, abundantes, na iminência de desabarem em cascata a qualquer momento. Locke imaginou quantos grampos ele teria que remover para soltar todo aquele cabelo. Não muitos, ele apostaria. Dois, três no máximo.

Mudando de posição para diminuir o desconforto de seu corpo que reagia como se não tivesse estado perto de uma mulher desde os tempos de escola, ele estendeu o braço pelas costas do sofá, na tentativa de aparentar uma indiferença que não sentia. Não ligava

para o cabelo, nem para os olhos ou o corpo dela. Muito menos para aqueles lábios cheios, suculentos, da cor de rubis. Ele só ligava para os motivos dela. Por que uma mulher jovem e atraente estaria disposta a se casar com um homem velho e decrépito como seu pai? Devia haver muitos jovens de boa aparência suspirando por ela. Portia chamava a atenção. Então, o que ela esperava conseguir ali que não conseguiria em outro lugar?

– Agora, minha querida... – o pai dele começou a falar, inclinándose para frente.

– Aqui estamos, milorde! – exclamou a Sra. Barnaby ao entrar carregando um serviço de chá. Seu cabelo, quase inteiramente grisalho, estava puxado para trás no coque apertado de sempre; seu vestido preto, passado com perfeição. – Chá e bolos, como o senhor pediu. – Depois de colocar a bandeja na mesinha que havia entre as duas poltronas, ela se endireitou, inclinou a cabeça para o lado, analisando a recém-chegada, e franziu o cenho. – Ela é bem nova, milorde.

– Uma velha não vai me dar um herdeiro, vai, Sra. Barnaby?

– Tem razão. – Ela fez uma mesura breve, os joelhos artríticos rangendo ao fazê-lo. – Bem-vinda a Havisham, Sra. Gadstone. Devo servir o chá?

– Não, eu posso cuidar disso. Obrigada.

– Oh. – Os ombros da Sra. Barnaby desmoronaram. Ela ficou nitidamente decepcionada por ser dispensada antes de ouvir algo interessante que pudesse compartilhar na área de serviço.

– Isso é tudo, Sra. Barnaby – o marquês disse com delicadeza.

Arqueando o peito com um longo suspiro, ela se virou para sair. Locke estendeu a mão.

– Eu fico com as chaves, Sra. Barnaby.

Ela bateu a mão sobre o grande chaveiro pendurado em seu quadril largo, como se Locke lhe tivesse pedido as joias da Coroa, e ela estivesse disposta a defendê-las com a vida.

– As chaves são de minha responsabilidade.

– Talvez eu necessite delas mais tarde. Depois eu as devolvo. – A necessidade dele dependia do desenrolar daquela conversa.

Com uma expressão amuada, ela as entregou, relutante, antes de sair da sala emitindo ruídos de indignação. Locke não entendia por que a criada se apegava com tanta tenacidade às chaves, quando eram mais para decoração do que uso. Ele supôs que fossem um símbolo da posição que a governanta ocupava na casa – posição que conquistou ao permanecer, quando muitas das criadas tinham saído em busca de paragens mais verdes. Ou menos assombradas.

Voltando sua atenção para a Sra. Gadstone, Locke observou, fascinado, como ela despia lentamente uma luva preta de pelica, como se se divertisse expondo algo proibido. Centímetro por centímetro frustrante. De qualquer modo, ele parecia incapaz de desviar o olhar enquanto a mão macia e imaculada era revelada. Sem cicatrizes. Sem calos. Sem pintas. Ela teve o mesmo cuidado ao despir a outra mão, e ele lutou contra si mesmo, que imaginava aquelas mãozinhas perfeitas e sedosas deslizando alegremente por seu peito nu. Com cuidado, ela depositou as luvas sobre as pernas, como se não tivesse nenhuma noção do efeito que a lenta revelação de sua pele podia ter em um homem. Locke, contudo, apostaria metade de sua futura fortuna que ela sabia exatamente o que estava fazendo.

– Lorde Marsden, como prefere seu chá?

A voz rouca dela vibrou pela coluna dele, descendo até se acomodar em seu púbis. Maldição. Ela soava como uma mulher recém-saciada.

– Com bastante açúcar, por favor.

Locke a observou despejar o chá, acrescentar vários cubos de açúcar, mexê-los e oferecer a xícara ao marquês com um sorriso terno, que ele retribuiu como se estivesse grato pela oferta, embora, na verdade, detestasse chá.

– E como prefere seu chá, Lorde Locksley?

– Acredito que, sendo minha madrasta, deveria me chamar de Locke.

Ela fitou Locke, os olhos agudos como um sabre afiado. Deus, ela desejava esfalear-lo. Ele gostaria de vê-la tentar.

– Ainda não sou sua madrasta, Lorde Locksley, sou? Fiz alguma coisa para ofendê-lo?

Inclinando-se à frente, ele apoiou os cotovelos nas coxas.

– Estou apenas tentando entender por que uma mulher tão jovem e linda como você estaria disposta a se deitar de costas para que um homem tão murcho como meu pai possa se esfregar em seu corpo.

– Locke! – gritou o pai. – Você foi longe demais. Saia já daqui.

– Está tudo bem, milorde – ela disse, calma, sem nunca desviar seu olhar desafiador de Locke, sem estremecer nem corar; apenas arqueando uma sobrancelha fina para ele. – Não vejo como a posição preferida de seu pai para o sexo seja da sua conta. Talvez ele vá me possuir de pé, enquanto me penetra por trás. Ou apoiada sobre os joelhos. Ou de cabeça para baixo. Mas posso lhe garantir que nada nele vai estar murcho. – Então ela baixou aqueles malditos olhos cor de uísque para o baixo-ventre de Locke, que amaldiçoou a traição de seu membro. Com detalhes estarrecedores, surgiram em sua mente imagens dele com ela em todas as posições que Portia mencionou. Ele ficou tão duro e desconfortável que não teria conseguido se levantar para ir embora, se quisesse.

E ela sabia muito bem disso.

– Chá, milorde?

– Não. – A negativa saiu estrangulada. Parecia que todo seu corpo pretendia traí-lo.

Os lábios suculentos dela se curvaram num sorriso convencido, triunfante. Ela se virou para o marquês.

– Posso lhe servir um bolo de acompanhamento, Lorde Marsden?

Apesar da inocência das palavras, tudo que Locke quis foi puxá-la para si, tomar sua boca e descobrir se o gosto era tão picante como parecia.

## Capítulo 2

– Parabéns! – Marsden exclamou, batendo palmas, os olhos verdes animados. – Posso dizer, Sra. Gadstone, que certamente colocou meu filho no seu devido lugar. Muito bem!

– Por favor, você tem que me chamar de Portia.

Embora enfrentar Locksley tivesse lhe conquistado alguns pontos com Marsden, Portia precisou de todo seu autocontrole para evitar que a mão tremesse ao entregar o bolo ao marquês. Tremores percorriam seu corpo como uma cachoeira interminável. Não era apenas uma justa indignação que a fazia tremer. Era também uma atração estranha e indesejável pelo Visconde Locksley que estimulava cada porcaria de terminação nervosa que ela possuía.

Embora nunca o tivesse visto, tinha ouvido muitas histórias a respeito dele, tinha escutado tantas mulheres falarem de sua beleza que soube quem ele era no momento em que o visconde abriu a porta. Ela não estava preparada, contudo, para o magnetismo que seus incríveis olhos verde-esmeralda provocaram nela, nem para o desejo que a atingiu com tanta força que quase fez com que ela desse meia-volta e saísse correndo atrás da carruagem. O cabelo dele, preto como a meia-noite, mais comprido do que mandava a moda, servia para acentuar ainda mais o tom brilhante daqueles olhos. Nunca, em toda sua vida, Portia teve reação tão visceral a qualquer homem. Que ela o achasse tão inacreditavelmente atraente era perturbador além da conta, totalmente inaceitável e por demais perigoso.

Apesar do modo grosseiro e desagradável como o visconde a tinha recebido, Portia sabia que ele estava tentando proteger o pai,

e isso só fazia com que ela o respeitasse e admirasse ainda mais. Infelizmente para ele, Portia também tinha que proteger alguém, e iria fazê-lo a qualquer custo, com qualquer meio de que dispusesse: sua inteligência, seu corpo, sua alma. Ela usaria tudo, da maneira que fosse necessário – não importando quão desagradável ou repulsiva –, para atingir seu objetivo.

Com o canto do olho, ela o viu enfiar a mão dentro do paletó e retirar algo de um bolso interno. Um recorte de jornal que ele começou a desdobrar. Com base no tamanho do papel, ela sabia exatamente o que estava escrito. Parecia que ele estava se preparando para disparar um novo ataque naquele embate tácito de vontades. Portia preparou suas defesas.

– Você gosta do campo, Sra. Gadstone? – o marquês perguntou, afável. Portia pensou que teria gostado de conhecê-lo quando era jovem. Ela desconfiava de que ele tinha sido encantador.

– Forte – Locksley declarou antes que ela pudesse responder.

Ao contrário do filho, que carecia de qualquer charme. Embora fosse difícil acreditar nisso, de acordo com o que se insinuava nas conversas das mulheres em Londres. Se Portia fosse acreditar naquelas histórias, ele teria conquistado e levado metade delas para a cama.

Marsden soltou um suspiro, evidenciando seu aborrecimento.

– Eu lhe mostrei o anúncio para que você pudesse ver as qualificações que eu procurava, não para usá-lo contra a Sra. Gadstone – o marquês disse. – Eu e ela já nos correspondemos inúmeras vezes. Sei que ela possui todas as exigências que busco numa mulher para me dar um herdeiro.

– Então você não deve fazer nenhuma objeção a que eu me certifique. – O olhar duro de Locksley pousou sobre ela como algo pesado, que poderia esmagar uma mulher mais fraca. – Forte – ele repetiu. – Perdoe minha impertinência, Sra. Gadstone, mas você não parece ter força suficiente para empurrar essa poltrona de um lado da sala até o outro.

– Eu tenho, contudo, força pra chamar um criado para fazer isso por mim.

– Quantas casas você visitou onde o chá era servido pela governanta? – Locke levantou as chaves que tinha requisitado antes e as sacudiu, seu tilintar ecoando entre ele e Portia. – A criadagem da casa conta apenas com o mordomo, a cozinheira e a governanta.

– Com certeza vocês têm meios para contratar mais criados.

– Nós temos, mas meu pai se sente mais à vontade com a criadagem que temos no momento.

Ela sorriu, terna, para Marsden.

– Então eu também vou me sentir à vontade assim.

– Contrate quantos criados quiser – disse o marquês.

Locksley apertou o maxilar enquanto ela se esforçava para manter uma expressão neutra. Parecia que ele não era o único empenhado em uma batalha de vontades com ela. Havia uma agudeza no marquês que contrariava os boatos de que estava louco. O jeito protetor dele a tranquilizava quanto a ter tomado a decisão correta em responder ao anúncio.

– Saudável – Locksley rosnou.

Dessa vez, ela não conteve o convencimento.

– Nunca estive doente em toda minha vida.

– Nem quando criança?

– Nem quando criança. Nunca tive cólica. Nunca tive febre. Ainda tenho todos os meus dentes, que também são saudáveis. Gostaria de contá-los? – Ela se arrependeu dessa oferta quando os olhos dele ficaram sombrios, como se Locke fosse contá-los passando a língua neles. Portia esperou, com a respiração suspensa, pela resposta dele, ficando agradecida quando Locke apenas estalou a língua e negou com a cabeça.

– Vou aceitar sua palavra.

Ela ficou surpresa com o fato de ele acreditar em alguma coisa que ela dissesse. Enquanto ele a estudava, Portia esperava, temendo o último item, esperando que ele pudesse poupá-la...

– Fértil?

*Maldito.* Essa era a parte difícil.

– Eu tive um filho. A criança mais doce que já existiu. Morreu antes de completar um ano.

Locksley estremeceu, e seus olhos foram tomados de arrependimento, como se ele desejasse não ter ido tão longe com as perguntas.

– Sinto muito por sua perda. Não era minha intenção fazê-la sofrer.

Pelo menos ele era capaz de sentir compaixão, mesmo que estivesse submetendo Portia a um exame. Ela devia ter parado nesse ponto, mas tinha ido longe demais para deixar qualquer dúvida quanto à sua aptidão. Embora fosse se casar com o marquês, era evidente que o filho desempenharia um papel importante na vida deles. Locksley era, afinal, o primeiro na linha de sucessão. A função dela seria fornecer o herdeiro reserva. Era imperativo que ela e Locksley não ficassem se estranhando o tempo todo.

– O garoto era forte, saudável. A morte não foi por um problema dele. A mulher que deveria estar cuidando dele... foi negligente. – Ela se virou para Marsden. – Não vou contratar babá nem governanta para cuidar do nosso filho. Eu mesma vou ser responsável por ele. O garoto vai chegar à maturidade, bom e nobre, merecedor do nome da sua família.

– Nunca duvidei disso, minha querida. – Ele levantou uma sobancelha para o filho. – Terminou seu interrogatório? Temos apenas uma hora antes do vigário chegar.

Ela se perguntou como ele sabia o horário sem consultar o relógio de bolso. O relógio sobre a lareira estava quebrado, era óbvio, pois mostrava 11h43 quando ela entrou na casa, e continuava a exibir o mesmo horário, embora ela sentisse que uma eternidade de segundos intermináveis havia se passado.

– Eu gostaria de alguns momentos a sós com a Sra. Gadstone – disse Locksley. – Para garantir que ela compreende exatamente com o que está concordando.

– Como já disse – começou o marquês –, nós já nos correspondemos. Eu lhe contei tudo.

– Tenho certeza que sim – o filho disse. – Mas, às vezes, um ponto de vista diferente pode ser mais esclarecedor.

– Não quero que você a espante para fora daqui.

O olhar dele deslizou até Portia.

– Ela não me parece alguém que se espanta com facilidade.

Foi respeito que ela ouviu na voz dele? Ou um desafio?

Pegando o molho de chaves, Locke esticou o corpo esguio e comprido.

– Permita que eu lhe mostre sua nova casa, Sra. Gadstone. Prometo que me comportarei como um verdadeiro cavalheiro.

Portia não queria ficar a sós com Locksley, e não por temer que ele não se comportasse. Ela tinha quase certeza de que ele se comportaria. Sua preocupação residia no fato de ele ser atraente demais, tentador demais. másculo demais. Ela sabia, pelas fofocas, que ele não levava uma vida dissoluta por completo, mas costumava viajar por partes selvagens, difíceis, do mundo. Com ombros largos, ele era musculoso, mas não em demasia. Seu corpo possuía certa elegância. Portia podia imaginá-lo habilmente cortando a água a nado, galopando pelo pântano e brandindo um machado para cortar madeira.

Ela deveria recusar, garantir-lhe que não seria necessário. Portia estava decidida. Como se deduzisse a lógica dos pensamentos dela, Locksley baixou um pouco o queixo, fitando-a com o olhar penetrante. Um desafio. Maldito!

Lentamente, ela recolocou as luvas. Se ele lhe oferecesse o braço, ela gostaria de ter uma camada de material separando sua pele da dele. Levantando-se, ela inspirou fundo, fortificando-se.

– Eu ficaria encantada se fizesse uma excursão pela casa.

– Você não é obrigada a ir com ele – Marsden disse.

– Não se preocupe. Tenho certeza de que ele vai se comportar. E quero me tornar uma boa amiga do seu filho. – Portia olhou para o futuro enteado, que, para seu próprio bem, deveria manter à distância. – Vamos, então?

Locksley se aproximou dela e lhe ofereceu o braço. Ela engoliu em seco e colocou a mão no antebraço estendido. Ela tinha se enganado. A pelica da luva não oferecia nenhuma proteção contra o calor da pele dele, a firmeza de seus músculos e a masculinidade pura que irradiava daquele homem. Se acreditasse que ele não a chamaria de covarde, Portia recuaria naquele instante e diria ter

mudado de ideia. Mas se havia algo que ela podia afirmar com certeza era que nunca tinha sido covarde.

Ela conseguiria se defender dele, manter distância entre os dois.

O problema era que ela não sabia ao certo se queria essa distância.



Quando Portia colocou a mão no braço de Locke, o corpo dele reagiu como se ela tivesse encostado nele seu corpo nu. O que diabos havia de errado com ele para ter uma reação tão forte à proximidade daquela mulher? Maldição! Iria até a vila naquela noite mesmo. Não conseguiria ficar em casa, imaginando-a na cama do pai...

Ele cerrou os dentes até o maxilar começar a doer. Não deixaria sua imaginação ir por aí.

Levando-a até o corredor, ele amaldiçoou cada inspiração que preenchia suas narinas, seus pulmões, com a fragrância de jasmim que emanava dela. Não era o aroma comum de rosa que vinha dela. Não havia nada de comum em Portia. Ainda assim, ele não conseguia compreender por que ela iria se casar com um velho, quando poderia facilmente ter um jovem.

– Eu gostaria de pedir desculpas por minha falta de sensibilidade ao questionar sua fertilidade. Não pretendia evocar lembranças tão devastadoras. – A dor que brilhou nos olhos dela ao falar do filho atingiu Locke como um soco na boca do estômago. Se pudesse voltar no tempo, ele cortaria a própria língua antes de começar aquele interrogatório estúpido.

– O garoto nunca está longe dos meus pensamentos, Lorde Locksley. A morte dele me assombra e guia minhas ações. E isso está a seu favor, pois me faz entender sua causa. Sei que está tentando proteger seu pai de alguém que poderia tirar vantagem dele. Mas eu lhe garanto que não quero mal ao marquês.

– Ainda assim, Sra. Gadstone, não consigo entender por que você não tenta encontrar o amor e nem está disposta a se casar com um homem que é, pelo menos, trinta e cinco anos mais velho que você.

– Já conheci o amor, milorde. Ele me deu pouca segurança. E, agora, eu desejo segurança.

– Por quanto tempo você foi casada?

– Ficamos juntos durante dois anos.

– Como ele morreu?

– Doença. – Ela suspirou. – Ele teve uma febre.

– Mais uma vez, meus sentimentos. Há quanto tempo foi isso?

– Seis meses. – Ela levantou os olhos para ele, arqueando de leve os lábios. – Você deveria pedir ao seu pai para deixá-lo ler nossa correspondência. Todas as suas dúvidas estão esclarecidas lá.

Ele duvidava disso. Locke desconfiava que uma vida inteira não fosse suficiente para conseguir as respostas para as milhares de perguntas que tinha a respeito dela.

– Todos os relógios da casa estão quebrados? – ela perguntou quando passaram por um relógio de pêndulo no corredor.

– Pelo que sei, nenhum deles está quebrado – Locke começou a dizer enquanto a conduzia por um lance de escadas. – Foram simplesmente parados na hora do meu nascimento, momento em que minha mãe faleceu. – Meia hora foi todo o tempo que ela teve para segurá-lo, todo o tempo que Locke teve para conhecer o amor da mãe.

– Como foi que sua mãe morreu?

– Eu a matei. – No alto da escada, ele se virou e a encarou, surpreso de ver o horror que marcava as feições delicadas de Portia. Parecia que a correspondência que ela manteve com o pai não respondeu a todas as perguntas. – Durante o parto. Por que você acha que ele me batizou de Killian?

Ela arregalou os olhos.

– Estou certa de que é apenas uma coincidência. Ele não seria tão cruel com uma criança, a ponto de chamá-la de “kill”, que, em inglês, significa matar.

– Não sei se a intenção dele era ser cruel. Meu pai só queria garantir que nenhum de nós jamais se esquecesse. Acredito ser importante que você compreenda o que sua vida aqui, na Mansão Havisham, implicaria. Vamos começar por aí, está bem? – Locke

remexeu no molho de chaves até encontrar a que procurava, enfiou-a na fechadura, girou-a e abriu a porta. Ele tirou as teias de aranha com a mão antes de estender o braço para o salão imenso, com suas paredes de pé-direito duplo recobertas de espelhos. – O salão de festas. Eles deram um baile magnífico aqui, no Natal anterior à morte da minha mãe.



Portia hesitou só por um segundo antes de passar pela porta e parar no patamar. Dali saía uma escada que descia até o piso do salão com cheiro de bolor. Com cuidado, na expectativa de que o piso sem brilho desmoronasse sob seus pés a cada passo, ela se aproximou do guarda-corpo. Ela tentou agarrá-lo com as mãos, em busca de algum tipo de apoio, mas estava coberto por uma camada espessa de pó. Até onde se podia enxergar, tudo estava coberto por uma camada poeirenta, decorado com teias de aranhas. As cortinas vermelhas desbotadas estavam recolhidas, revelando partículas de poeira que dançavam ao sol da tarde que penetrava pelas janelas encardidas. Os raios de sol tocavam os vasos cheios de hastes secas e murchas de flores que haviam morrido há muito tempo.

– Até chegarmos aqui, passamos por vários aposentos com portas fechadas. Estão todos abandonados como este? – ela perguntou com a voz baixa, quase reverente. O ambiente parecia exigir silêncio.

– Estão. Depois que minha mãe morreu, meu pai ordenou que não mexessem em nada, que tudo na casa deveria ficar como estava no momento em que ela morreu.

Tentando imaginar que tipo de impacto podia sofrer um garoto crescendo num ambiente assim, ela olhou para ele por sobre o ombro. Ele estava com a coluna ereta, e seu rosto não demonstrava tristeza nem felicidade, nem mágoa ou alegria. Locksley estava acostumado àquela tentativa bizarra de se manter tudo como estava.

- Mas nada permanece igual, nada fica sem mudar.
- Não, não fica.

– Você é um adulto agora. E tenho a impressão de que é você quem cuida das coisas. Por que não manda arrumar esses quartos? Restaurá-los?

– Porque isso aborreceria meu pai. Da mesma forma que contratar mais criados, ter rostos diferentes andando pela casa iria perturbá-lo.

Então ele morava naquela casa melancólica, repleta de lembranças vazias, pelo pai. Ela não pôde deixar de pensar que ele era um homem capaz de muito amor, muita compaixão. Portia teve um pensamento fugaz, acreditou que se confessasse a verdade para ele, Locksley cuidaria de acertar tudo. Que tola era ela de pensar que o visconde a olharia com qualquer outro sentimento que não repulsa. Não, ela estava sozinha nisso, tinha que cuidar de suas próprias necessidades, proteger o que era dela.

– Você não pode competir com ela, Sra. Gadstone. Com minha mãe.

– Não tenho sequer intenção de tentar fazê-lo. Sei o que seu pai quer, o que ele precisa de mim. Aceito os limites de nosso relacionamento, quaisquer que sejam.

– Por que está disposta a se contentar com tão pouco?

Porque era a única oportunidade que ela tinha para conseguir tudo aquilo.

– O filho que eu der para ele será um lorde.

– Ele será o sobressalente. Não vai herdar nada até eu morrer.

Na verdade, ela não acreditava que esse filho fosse herdar qualquer coisa. Locksley um dia se casaria, teria seu próprio herdeiro.

– Ainda assim, será o Lorde O-Nome-Que-Escolhermos St. John. Ele andar­á nos círculos certos, terá oportunidades... terá um bom casamento. Quanto a mim, serei uma marquesa, também vou frequentar os círculos certos e terei segurança. Ele me prometeu uma casa de viúva. – Ela o fitou por cima do guarda-corpo. – Vamos descer?

– Se você quiser.

Não era exatamente o que ela queria, mas precisava se distrair das dúvidas que começavam a surgir. Se havia outro modo de ela

se salvar, Portia não enxergava.

Ele lhe ofereceu o braço, que ela teria recusado, não estivesse com nojo de usar o corrimão coberto de poeira e teias.

Conforme ele começou a conduzi-la pela escada revestida pelo desbotado carpete vermelho, Portia não gostou de notar como o rapaz era forte e robusto, tampouco que cheirava a sândalo com laranja.

Quando chegaram ao centro do salão, ela retirou a mão do braço dele e girou lentamente, imaginando como aquele ambiente tinha sido um dia, com uma orquestra tocando no palco, convidados valsando, Lorde e Lady Marsden dando atenção a todos.

– O que você vai fazer depois que ele morrer? – ela perguntou em voz baixa.

– Perdão?

Virando-se para encará-lo, ela se deu conta, pela expressão confusa dele, que embora Locksley considerasse seu pai velho e *murcho*, ainda não tinha aceitado que o homem estava no fim da vida, que não estaria ali para sempre.

– Quando seu pai morrer, você vai devolver a mansão a seu esplendor?

– Ainda não tinha pensado nisso.

E não tinha mesmo. Ela podia ver nos olhos dele, e gostou de Locksley por isso. Como deve ter sido crescer ali, sozinho... Só que ele não cresceu sozinho.

– O Duque de Ashbury e o Conde de Greyling foram os pupilos do seu pai, moraram aqui quando eram crianças.

– Isso mesmo.

– As pessoas se referem a vocês como os Sedutores de Havisham.

Ele arqueou uma sobrancelha, e seu olhar ficou intenso como se pudesse enxergar a alma dela e ler cada uma das histórias escritas ali.

– Parece que você já anda nos círculos certos.

Droga. Ela não estava sendo cautelosa como deveria ao falar com ele.

– Eu leio os jornais de fofocas. – Precisando distraí-lo, ela se voltou para a parede de janelas e portas de vidro que davam para fora. – Podemos ir até o terraço?

– Claro. Faz parte da excursão.

Ele foi na frente, puxou um ferrolho e abriu a porta.

– Por favor. – Sinalizou para ela sair.

Portia saiu para a varanda de pedra e caminhou até o guarda-corpo de ferro forjado, olhando para o que, obviamente, há muito tempo havia sido um jardim, mas que a natureza tinha tomado posse. Ainda assim, aqui e ali restavam evidências do esmero com que aquele lugar fora cuidado.

– Não há jardineiro.

– Não. A criadagem de fora é composta de um cavaleiro-chefe, que também serve de cocheiro, e dois garotos que ajudam no estábulo.

– Que pena. Eu gosto tanto de jardins e flores. Então seu pai nunca sai de casa?

– Essa resposta não foi dada na correspondência?

– Não pensei em perguntar – ela disse, olhando para ele.

Cruzando os braços sobre o peito, ele apoiou o quadril no guarda-corpo, uma expressão viva da pura masculinidade.

– Eu imagino o que mais você pode não ter pensado em perguntar.

– Eu tentava apenas conhecê-lo melhor, milorde. Não pensei em perguntar se saía de casa. Tive as respostas para as perguntas que me importavam.

– Talvez eu deva mesmo ler a correspondência de vocês. Eu gostaria de saber quais perguntas lhe importam.

– Sou um livro aberto, milorde.

– Duvido muito disso.

– Você é um tipo desconfiado.

– Estou errado?

Não, ele não estava. Ela tinha segredos que manteria muito bem guardados dele e de seu pai. Portia duvidava que o marquês se importasse com seus segredos, mas desconfiava que Locksley, sim

– e muito. Marsden queria apenas um herdeiro, mas o filho queria compreendê-la.

– Imagino que você vá para Londres na Temporada? – ela perguntou. Seriam bem-vindos os meses em que ele estaria longe.

– Às vezes. Não tanto quanto deveria, mas não gosto de deixar meu pai sozinho. Embora, ao que parece, ele é capaz de travessuras esteja eu aqui ou não.

– Comigo aqui, você não estaria deixando seu pai sozinho. Poderá ir para Londres o quanto quiser. Eu também soube que você gosta de viajar. Para onde está planejando ir?

– Faz alguns anos que não viajo. Não tenho planos para o futuro próximo.

– Mas, de novo, comigo aqui, terá liberdade para fazer o que quiser, ir aonde tiver vontade.

– Por que estou com a impressão de que você está tentando se livrar de mim?

Por que ela estava mesmo e ele não era bobo. De qualquer modo, ela sabia o valor de uma boa história.

– Só estou tentando ser uma boa *mãe* para você. Dar-lhe um pouco de liberdade. Aliviar seu fardo.

Descruzando os braços, ele deu um passo à frente e levou o polegar aos lábios dela, depois os contornou lentamente, seu olhar fixo na boca de Portia. Uma onda de calor a assaltou. Embora ele estivesse apenas acariciando-lhe os lábios, a sensação era de que ele passava o polegar pela essência dela.

– Tenho que confessar, Sra. Gadstone, que tenho muita dificuldade em vê-la como minha mãe.

– Você prometeu se comportar. – Soando ofegante, a voz rouca, todo o seu corpo atento ao dele, Portia o amaldiçoou por sua capacidade de provocar o que ela se esforçava tanto para manter protegido.

– E prometi mesmo. Mas você ainda não está casada. E me parece que deveríamos ao menos provar um ao outro antes do casamento.

Ele se aproximou. A mão dela levantou, de repente, parando no centro do peito dele, aquele peito firme e duro. Embaixo dos dedos,

ela podia sentir as batidas ritmadas do coração de Locksley, a tensão que emanava dele.

– Não – ela disse.

Os olhos dele ficaram pesados, sonolentos.

– Está com medo de gostar demais?

Aterrorizada de que pudesse de fato gostar. Embora ele estivesse, sem dúvida, testando a lealdade dela.

– Estou noiva do seu pai.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Noiva é um pouco de exagero, não acha? Você respondeu a um anúncio. Não é como se ele tivesse visto você num salão de baile, ficado enfeitiçado por sua beleza e a cortejado. Até hoje vocês nunca tinham se visto.

– Ainda assim, vamos nos casar.

– Que mal pode haver em uma simples prova? – Embora a mão dela o empurrasse, ele conseguiu se aproximar até sua respiração esquentar a face dela. – Ele nunca vai saber.

– Eu vou saber.

– Então está com medo. Aposto que está tão atraída por mim quanto eu estou por você.

– Você perderia essa aposta.

– Prove. – Os lábios dele, quentes e macios, pousaram no canto da boca de Portia. – Prove que não se sente atraída por mim, que não há nada entre nós. – Ele tocou o outro canto da boca com os lábios. – Com certeza, sua decisão de se casar com meu pai não vai ser desfeita por um beijo.

Aquilo era perigoso, tão perigoso. Ela precisava empurrá-lo para longe, sabia que essa era a atitude sábia, mas sua força pareceu abandoná-la enquanto ele mordiscava seu lábio inferior. Portia fechou os olhos quando o calor a assaltou. A delicadeza de Locksley desmontou as defesas dela. Fazia tanto tempo que ninguém a tratava de modo tão delicado, que ninguém a provocava com um beijo leve no canto da boca. Ela não conseguiu evitar que o gemido escapasse, e nesse som ele deve ter ouvido a rendição dela, porque a delicadeza sumiu e a boca dele caiu sobre a dela, quente, exigente, faminta e gulosa. Portia deveria tê-lo empurrado,

chutado, pisado em seu pé, mas a tensão vinha crescendo entre eles desde o momento em que Locksley abriu a porta. Ele era jovem e viril. Qual era o mal de um último beijo da juventude, de ser abraçada por músculos fortes, rígidos, de ter os seios apertados contra um peito largo e firme? Tudo dentro dela gritava para que fugisse. Mas a boca dele fazia uma mágica magnífica, deliciosa.

E Portia se derreteu nos braços dele.

## Capítulo 3

Esse foi o pior erro que ele cometeu na vida. Pior até do que a vez em que enfureceu o chefe de uma tribo ao flertar com a filha do homem, ou a vez em que foi nadar no rio Nilo e quase se tornou o prato principal de um crocodilo, ou quando avaliou mal o clima e foi pego por uma tempestade de neve no Himalaia.

Ele sabia que tinha cometido um grave erro de avaliação ao provocar Portia até ela, finalmente, abrir a boca e se entregar ao seu ataque. Se tivesse pensado por um instante que seu pai nutria um afeto sincero por essa mulher, se a tivesse visto como outra coisa que não o meio para um fim, não teria se permitido isso, teria ficado à distância, mantendo sua promessa de ser um cavalheiro.

Mas aqueles lábios suculentos que disparavam réplicas mordazes, que se curvavam só um pouco para cima quando ela sorria, que prometiam prazer nos braços dela, eram tentadores demais para que qualquer homem mortal resistisse. Ele queria apenas um gosto, um gostinho, e então seguiria, nessa noite mesmo, em busca de uma mulher na taverna.

Só que então ele percebeu que isso seria quase impossível. Ela tinha gosto de hortelã, e Locke desconfiou que, se procurasse na bolsa dela, encontraria um estoque de balas desse sabor. Sem dúvida, ela tinha chupado uma bala dessas, do mesmo modo que nesse momento estava chupando a língua dele, levando-o à loucura, fazendo com que ele apertasse ainda mais os braços ao redor dela. Portia era ousada, atrevida, tão corajosa quanto Locke. E seu pai queria uma mulher que soubesse o que fazer com o corpo de um homem.

Ele tinha o um palpite de que a Sra. Portia Gadstone sabia como virar um homem do avesso, espremendo-o até ficar seco, fazendo-o pedir mais.

Desgrudando sua boca de Portia, ele a encarou. Os olhos dela estavam fumegantes, sua respiração, curta. Endireitando os ombros, ela recuou e se encostou no guarda-corpo, sustentando o olhar dele como se não tivesse feito nada de que pudesse se envergonhar.

– Espero que tenha gostado da prova, milorde. Depois que eu estiver casada com seu pai, não poderá mais inspecionar a mercadoria.

Tão tranquila, tão calma, mas o rubor nas faces a denunciava. O beijo a tinha afetado mais do que ela tentava demonstrar. O que a tinha feito aprender a disfarçar suas emoções dessa forma? O que tinha acontecido para que ela tivesse tanto receio de revelar o que sentia de verdade?

Aquela mulher não revelava nada. Locke duvidava que fosse descobrir algo a respeito dela lendo a correspondência. Pelo menos, não descobriria nada que não fosse superficial. Cada palavra que ela pronunciava era calculada para revelar apenas o necessário. Mas ele também era um mestre em se manter distante, em entregar muito pouco. Locke não queria conhecer bem ninguém, e queria menos ainda que os outros o conhecessem. Desse modo, o coração ficava mais bem protegido. Se ninguém fosse importante, ninguém conseguiria fazer com que ele afundasse em desespero. Proteger sua sanidade a qualquer custo, esse era o mantra de Locke.

– Posso lhe garantir que você não tem com o que se preocupar. Nunca trairei meu pai. E mulheres casadas nunca foram do meu gosto. Não tenho nenhum respeito por quem engana os outros.

Ele pensou ter captado a mais ligeira das reações. Embora, talvez, fosse apenas uma demonstração de alívio quando ela soube que, depois do casamento, ele lhe daria mais espaço.

Com um suspiro, ela olhou ao redor.

– Acredito que já vi o bastante, Lorde Locksley. Seu pai deve estar começando a ficar preocupado. Devo voltar para ele.

– Depois de tanta intimidade, tenho certeza de que podemos ser um pouco menos formais. Você pode me chamar de Locke – ele disse e ofereceu o braço.

– Eu posso encontrar o caminho. – Como se para provar, ela seguiu em frente, os sapatos estalando nas pedras, depois na madeira, quando passou pela porta.

Seguindo-a a uma distância discreta, ele apreciou aquela visão: Portia com a coluna ereta e rígida, a oscilação provocante dos quadris estreitos. Ele fechou a porta do terraço, seguiu-a escada acima, e começou a trancar a entrada do salão de baile.

– Isso é mesmo necessário? – ela perguntou. – Apenas com adultos morando aqui, deve ser suficiente apenas dizer a todos para não abrirem as portas.

Depois de trancar a porta, Locke se virou para ela.

– Aparentemente, o fantasma da minha mãe não consegue passar por portas trancadas. Assim, quanto mais portas estiverem trancadas, mais provável será que ela continue lá fora, no pântano.

Boquiaberta, Portia o encarou com os olhos arregalados de surpresa.

– Ora essa, em toda a correspondência que trocaram, meu pai se esqueceu de mencionar que a propriedade é assombrada?

– Com certeza você não acredita nisso.

– Claro que não. Mas ele acredita. Posso lhe garantir que, quando meu pai a visitar em seu quarto, esta noite, ele lhe aconselhará a trancar a porta depois que ele sair e a nunca dormir com a janela aberta. Nunca vá ao pântano à noite. Pois minha mãe pode pegar você.

– Histórias para fazer garotos se comportarem.

– Eu não sou mais garoto, mas as histórias continuam válidas.

– Imagino, então, que devo me sentir aliviada por não acreditar em fantasmas. – Dando meia-volta, ela começou a descer a escada.

Ele gostava demais daquela vista, e tinha que apreciá-la enquanto podia. Locke tinha falado a verdade; não trairia o pai. Depois do casamento, ele a evitaria como se ela fosse portadora da peste.

Locke a alcançou no saguão, e apenas alguns centímetros os separavam quando adentraram na sala de estar. O marquês estava

jogado na poltrona, os olhos fechados.

– Meu Deus. – Portia levou a mão ao peito e se virou para Locke, os olhos demonstrando pânico. – Ele está morto?

Ela parecia genuinamente preocupada. Também com a morte prematura dele, antes do casamento, Portia perderia a casa de viúva e tudo o mais que o marquês tinha lhe prometido. O velho emitiu um ronco trovejante. Soltando um guinchinho, ela deu um pulo para trás.

Rindo, Locke passou por ela.

– Para alguém que não acredita em fantasmas, você se assusta com facilidade.

– Eu receei que ele estivesse morto.

– Ainda não; meu pai costuma pegar no sono em momentos inesperados. – Ele se ajoelhou ao lado da poltrona, segurou o ombro do pai e o sacudiu de leve. – Pai, acorde.

As pálpebras do velho se agitaram e ele abriu os olhos, sem foco, distantes.

– Linnie está me chamando?

O apelido carinhoso de Madeline, a mãe de Locke, que aparentemente detestava ser chamada de Maddie.

– Não.

– Que bom. Então tenho tempo de me arrumar para o jantar. Ela odeia que eu me atrase.

– A Sra. Gadstone vai jantar com você esta noite.

Era mais fácil trazê-lo para o presente do que magoá-lo obrigando-o a encarar a verdade do passado.

– Sra. Gadstone? Eu não conheço nenhuma Sra. Gadstone.

Locke olhou por sobre o ombro e arqueou uma sobrancelha para Portia. *Está vendo no que vai se meter?*

Ela deu um passo na direção do marquês.

– Eu sou a Sra. Gadstone, milorde. Portia Gadstone.

O rosto do marquês se iluminou e ele estalou os dedos.

– É claro, é claro. Agora lembrei. Você gostou do passeio pela residência, minha cara?

– Foi bastante instrutivo.

Um modo delicado de se expressar, Locke pensou.

– Sente-se e conte-me como foi. Mas antes, onde está o vigário? Ele deveria estar aqui, a esta altura.

– Com certeza deve estar a caminho – Locke garantiu. *Se você de fato o informou de que precisaria vir para cá.* Ele esperava que seu pai só tivesse imaginado ter chamado o vigário.

Portia se sentou na poltrona. Locke se sentou na ponta do sofá, mais perto dela dessa vez, embora não conseguisse compreender por que desejava uma distância menor entre eles.

– Pai, ocorreu-me que talvez seja melhor aguardarmos alguns dias antes de seguirmos com o casamento, para dar à Sra. Gadstone a oportunidade de compreender melhor como será a vida dela aqui.

– Isso não é prático nem econômico, Locke. Concordei em pagar a ela cem libras por cada dia que o casamento for adiado.

– Não entendi.

– Eu assinei um contrato. Se ela não se casar hoje, tenho que lhe pagar cem libras por dia até o casamento. Se eu cancelar o casamento, terei que pagar dez mil libras.

Locke se pôs de pé num átimo.

– Você enlouqueceu?

*Claro que sim. Ele tinha enlouquecido anos atrás.*

– Tive que dar a ela alguma garantia de que não faria essa viagem a troco de nada. De que minhas intenções eram honradas. E que eu não estava querendo me aproveitar.

Mas ela estava se aproveitando. Locke olhou para Portia, que ostentava um sorriso sedutor, embora quase inocente. Os olhos dela brilhavam de satisfação, como se ela o tivesse superado. A bruxinha. Ela tinha mencionado o contrato. Quando entrou pela porta da casa, Portia sabia que, não importava o quanto se opusesse, o casamento aconteceria, ou teriam que lhe pagar uma compensação vultosa. Ela tinha dito isso.

Ele ficou tão intrigado por aqueles malditos olhos que não pensou em questioná-la.

– Quero ver essa droga de contrato.

– Achei que iria querer – ela disse, simpática. Da bolsa, tirou uma carteira de couro, desfez o nó e dali retirou várias folhas de papel

dobradas. Ele as arrancou da mão dela e começou a vasculhar o conteúdo.

---

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

---

00000>